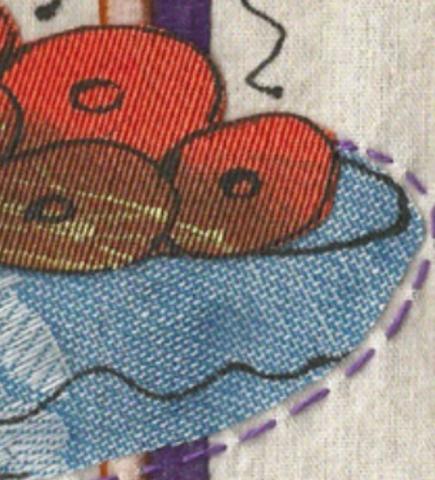
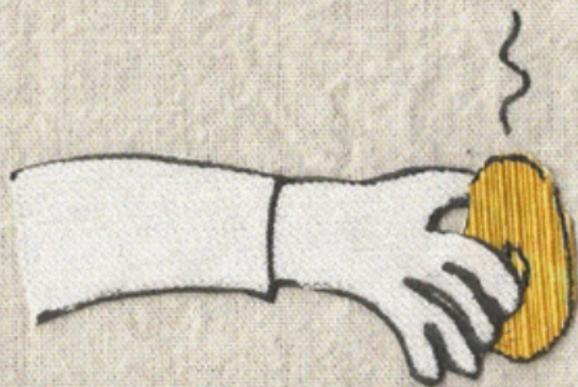


Dr Bartô apresenta:



**Salgadinhos?
Mas que
salgadinhos?**



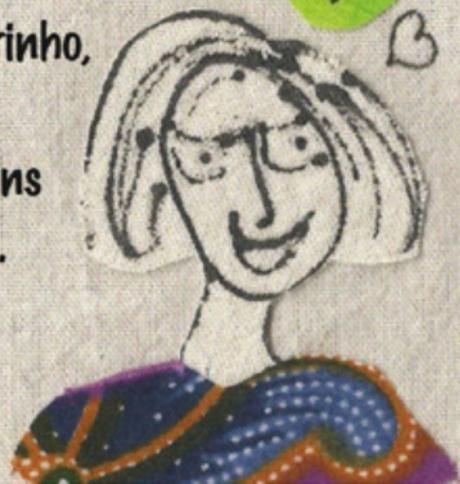
Texto: João Paulo Becker Lotufo
Revisão: Marcelo Freddi Lotufo
Ilustração: Bia H. Sampaio



Salgadinhos?
Mas que
salgadinhos?



Era uma bela tarde de domingo. Ao redor de uma dessas grandes mesas onde ocorrem almoços de família, tia Odila perguntou para a esposa do nosso querido médico Dr. Bartô se ela havia gostado de um presentinho "quentinho e delicioso" que tinha enviado pelo seu sobrinho, há alguns dias.



A stylized illustration on the left side of the page. At the top, a portion of a globe is visible, showing green continents and blue oceans. Below it, a person's face is partially shown, with a green question mark above it. Further down, another green question mark is visible. At the bottom left, a person's face is drawn in a sketchy, black-and-white style, with several question marks floating around their head. The person has long hair and is wearing a blue top. A vertical purple and blue bar is positioned to the right of their face.

Mas Eliana, para surpresa geral da mesa, respondeu com certo espanto que não sabia nada sobre estes salgadinhos “quentinhos e deliciosos” que tia Odila dizia ter enviado. De qualquer jeito, sua reação, autêntica e sincera, foi mais ou menos assim:

- Salgadinhos? Mas que salgadinhos, tia?

Passado o espanto, já que não era esta a resposta que tia Odila estava acostumada a receber, mas sim um agradecido “estavam deliciosos”, tia Odila tentou explicar de que quitutes estava falando, para ver se as duas se entendiam. Ué, os salgadinhos deliciosos e quentinhos que eu mandei para você e para as crianças na semana passada, através do meu sobrinho, seu marido, o Dr. Bartô.

Entretanto, a explicação de tia Odila não explicou muita coisa e, ao invés de resolver, aumentou o mistério. Eliana realmente não havia recebido nenhum salgadinho.

Felizmente, Eliana, como boa esposa de médico, gostava de um mistério e disse para tia Odila não se preocupar, pois ela sabia muito bem como resolver este imbróglio.

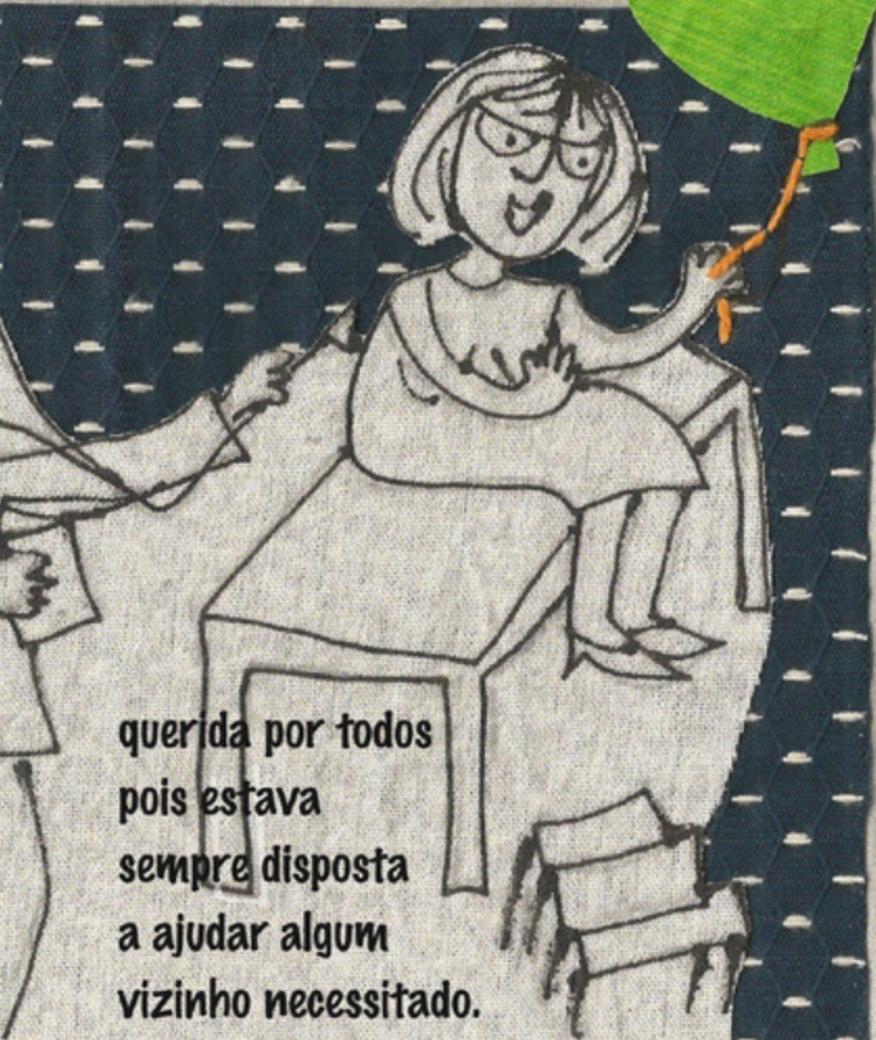


As possibilidades, na verdade, eram poucas. Se tia Odila tinha dado os salgadinhos para o doutor Bartô no consultório, e de lá ele tinha vindo para casa, os salgadinhos não podiam ter ido muito longe. Salgadinhos, até onde tia Odila e Eliana sabiam, não costumavam sair voando pelas janelas do carro e, por isso, estavam ou perdidos no carro do doutor, em algum lugar entre a maleta, o "estetô" e o receituário;

4 ou teriam acabado dentro da

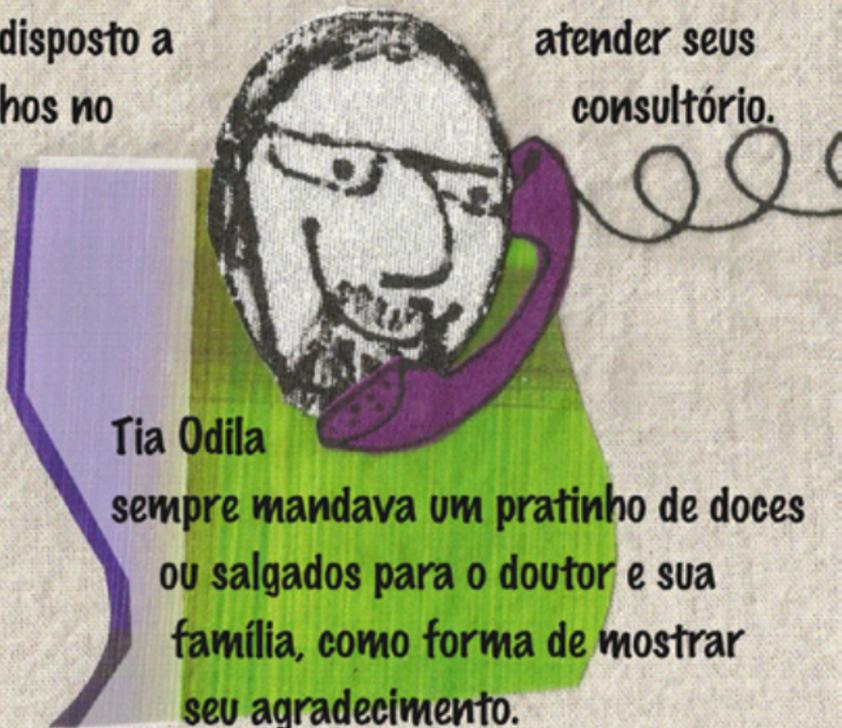


barriga de um certo médico comilão que todos ali conheciam. Papo vai e papo vem, o mistério começava a ser esclarecido. Tia Odila, uma cozinheira de mão cheia, também era uma pessoa muito bondosa. Filha do pastor da igreja de seu bairro, tia Odila era muito



querida por todos pois estava sempre disposta a ajudar algum vizinho necessitado.

Quando algum amiguinho de sua rua ficava doente, tia Odila não pensava duas vezes, pegava o telefone, ligava para seu sobrinho e pedia para ele atender com muito carinho este “pacientezinho aqui da minha rua.” E Dr. Bartô, médico jurado sob os preceitos de Hipócrates, sempre o fazia, com o mesmo carinho e alegria com que atendia todos seus pacientes. O que Eliana e o resto da mesa não sabiam era que além de muito boa com seus amigos da Igreja e de sua rua, tia Odila também era muito agradecida ao seu sobrinho, sempre disposto a atender seus amiguinhos no consultório.



Tia Odila

sempre mandava um pratinho de doces ou salgados para o doutor e sua família, como forma de mostrar seu agradecimento.

O mistério, entretanto, já estava quase resolvido, faltando somente um ponto final. Ponto, este, que Eliana resolveu colocar, já querendo mudar de assunto, ligando para o próprio Dr. Bartô. Mesmo adorando almoços (e jantares, e lanches, e cafés...) de família,

Dr. Bartô não estava naquele domingo, pois seu consultório de seus queridos pacientezinhos, já que ninguém lembrou de avisar

presente tinha ido ao atender um



à gripe que domingo é dia de ficar com a família, e não de trabalhar. No telefone, Eliana perguntou, com aquela voz inquisidora que não permitia mentiras, o paradeiro de certos quitutes que tia Odila dizia ter enviado pelo Dr. para sua família: - Querido Bartô, que história é essa de docinhos e salgadinhos que tia Odila mandou aqui para casa de presente, mas que nunca cheguei a ver e muito menos degustar?

O Dr. Bartô, já sabendo que tinha sido descoberto, mas ainda querendo amenizar sua culpa, tentou explicar:

- Bem... bom... sabe como é, querida, não sabe? Sempre que tia Odila pede para eu atender algum amiguinho dela no consultório, também manda um pratinho de doces e salgados. E, como todo mundo está cansado de saber, ela é uma cozinheira de mão cheia. E, bem, moramos tão longe do consultório... Como toda desculpa, a que o Dr. estava dando, apesar de verdadeira, não estava explicando quase nada, o que começou a deixar Eliana ainda mais impaciente. Todo mundo sabia que tia Odila era uma cozinheira de mão cheia e que o Dr. morava longe do consultório. O que ninguém conseguia entender era o que isto tinha a ver com o sumiço



- Marido Bartô, vamos direto ao ponto, sem demoras, que até agora tudo que você disse já sabíamos. Que mistério é este? Onde foram parar estes docinhos e salgadinhos?

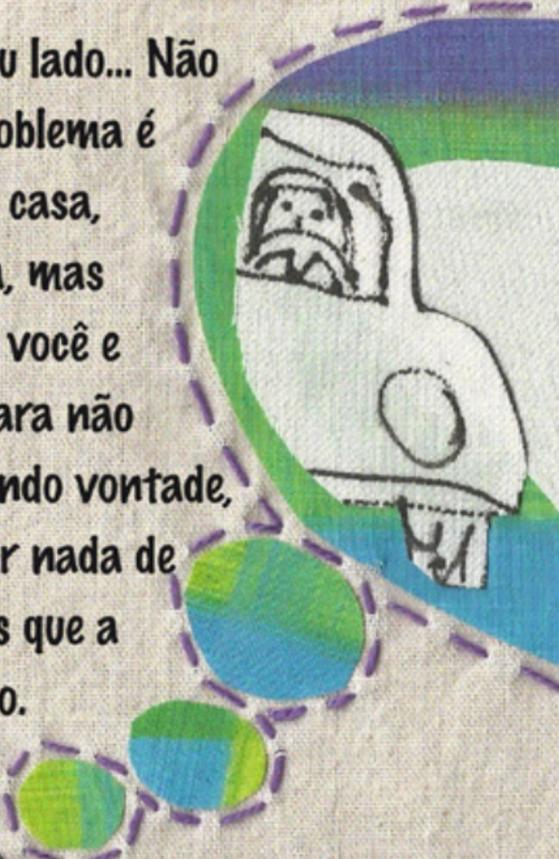
Bem - continuou o Dr. -, já vou explicar. Depois de um longo dia de trabalho tenho de enfrentar os 20 quilômetros entre o consultório e nossa casa. E, como não sou de ferro, dirigindo para casa, me pego pensando no jantar. E com um pratinho de deliciosos salgadinhos no banco do passageiro,



não há como resistir.

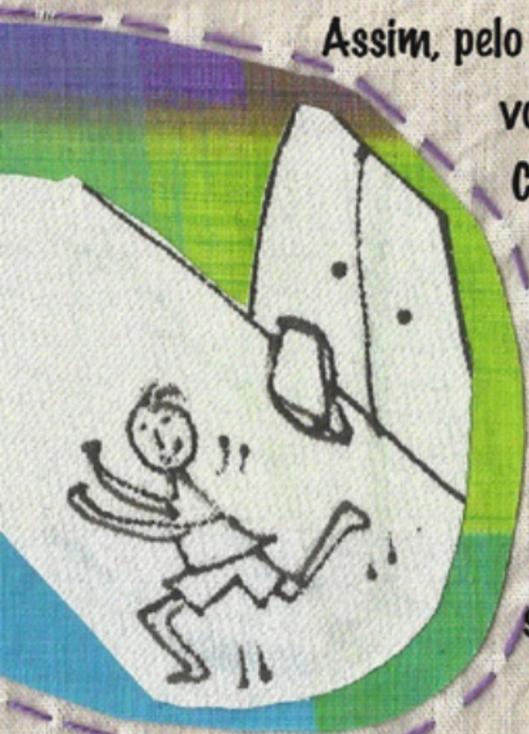
A cada quilômetro que passa, como um salgadinho, coxinha, croquete ou quibezinho, todos tão deliciosos e perfumados,

sentadinhos ali do meu lado... Não há quem resista. O problema é que, quando chego em casa, estou de barriga cheia, mas sem salgadinhos para você e para as crianças. E, para não deixar ninguém passando vontade, achei melhor não falar nada de nada sobre os quitutes que a tia Odila tinha enviado.



Verdade seja dita,
o doutor até
tinha um fundinho
de razão.





Assim, pelo menos, ninguém passava vontade de comer quitutes.

Cedo ou tarde, entretanto, a verdade iria aparecer.

Mas se Eliana e as crianças não gostaram desta história, porque também queriam comer salgadinhos, tia Odila não resistiu e caiu na risada, que logo foi acompanhada por todos.

Ao menos agora ela sabia que os doces e salgados que enviava agradavam seu sobrinho.

De qualquer jeito, o mistério estava resolvido e, de quebra, a fama de comilão do doutor fora confirmada. Tia Odila, entretanto, prometeu resolver este probleminha mandando novos docinhos e salgadinhos para todos, desde que o doutor não os comesse antes

Na semana seguinte, outra surpresa: tia Odila encaminhara mais um paciente para o Dr. Bartô e, com ele, como já era tradição, mandou outro prato de salgadinhos deliciosos. Mas, como ela não era boba nem nada, resolveu garantir que desta vez os quitutes chegariam até Eliana.



O desafio era vencer a fome do doutor, o que não era tarefa fácil depois de um longo dia de trabalho no consultório.

Felizmente, criatividade não faltava a tia Odila, que logo achou uma solução particular que

agradaria a todos e garantiria que os salgadinhos chegariam ao seu destino: mandou um prato de deliciosos pasteizinhos, mas, para vencer os vinte quilômetros entre o consultório e a casa do doutor, achou melhor não fritá-los.

O Dr., desta vez, teria de esperar



chegar em casa para poder degustar, com Eliana e as crianças, os divinos quitutes de tia Odila pois, mesmo com fome, pastéis crus não são lá muito apetitosos.

Tia Odila já não está mais aqui, apesar de continuar vivendo através de nossas histórias e memórias. Mas se ela foi embora, a lição que nos deu a de se preocupar com todas as pessoas e ajudá-las sempre que possível ficou conosco e marca nossa família até o dia de hoje. Tia Odila pode descansar tranquila, pois o Dr. Bartô continua atendendo os amiguinhos de sua rua, com o mesmo carinho e atenção com que atende todos seus pacientes. Mais importante do que os salgadinhos, foram o exemplo de humildade e de serviço à comunidade que tia Odila deu para todos nós.



Dr. João Paulo Becker Lotufo

Pediatra e Pneumologista

Responsável pelo Projeto Antitabágico do
Hospital Universitário - USP

Responsável pelo projeto de prevenção de
drogas no ensino fundamental I e II e ensino
médio: "Dr. Bartô e os Doutores da Saúde"

Tel: 11-3024.7490





Aos pais

Em minha caminhada como médico e professor, aprendi que muitas vezes histórias singelas como esta podem nos ensinar coisas importantes. Quando lembro da lição de vida deixada por minha tia, penso em como seu exemplo foi importante para nossa família. Cada ano que passa, em meu consultório e no hospital universitário da USP onde trabalho, vejo jovens enfrentando o problema das drogas (lícitas e ilícitas) e pais que não sabem como ajudar. Como pediatra, acredito que meu papel é, antes de tudo, falar de prevenção. Seria uma ilusão imaginar que podemos proteger nossos filhos o tempo todo e que eles nunca, em alguma festinha ou bar, vão se deparar com drogas. Mas também seria ilusão

acreditar que existe uma fórmula mágica para fazê-los tomar as decisões certas nestas ocasiões. No fundo, são os pequenos exemplos que damos que vão, quando eles precisarem tomar estas decisões, definir o lado para o qual a balança irá pender. Dois fatores que parecem ajudar os jovens a não entrarem nas drogas e que dependem de suas famílias, é ter um engajamento social e uma vida espiritual desenvolvida, dois aspectos sempre presentes em minha tia Odila. Segundo uma pesquisa feita pelo instituto Oswaldo Cruz, jovens que se dedicam a projetos sociais e frequentam alguma comunidade religiosa ao menos uma vez por semana tem 50% menos chances de entrar no mundo da droga quando comparado a seus pares que não desenvolveram estes aspectos de suas vidas.

Minha mãe, assim como tia Odila, sempre se preocupou em nos ensinar a importância tanto da vida espiritual, nos levando à Igreja todos os domingos, quanto de fazer trabalhos sociais. Lembro-me de quando ganhei um boné do exército da salvação em uma reunião organizada para esta entidade em minha casa; e também uma vez que, junto com meus pais, deixamos um pacote de comida na porta de um orfanato. Deixamos a comida na porta, tocamos a campainha e corremos para o carro, pois o importante era ajudar e não receber algum reconhecimento em troca. Foram coisas singelas, mas que marcaram minha infância e, tenho certeza, são partes da pessoa que sou hoje. Quando adulto, continuei seguindo os exemplos de tia Odila e de meus pais e ajudei a fundar a Creche Bolha de Sabão, junto com diversos amigos e que funciona até hoje, ajudando crianças carentes de algumas favelas de São Paulo e com a qual diversos pacientes colaboram, doando brinquedos, roupas, comida etc.

Ensinar que devemos ter preocupações espirituais e sociais não é algo que se faz quando nossos filhos são adolescentes ou adultos, mas sim quando são pequenos e ainda têm em nós seus maiores exemplos. Ajudar os jovens a não entrar no mundo das drogas, portanto, passa por nossas próprias vidas e é uma prevenção que começa desde cedo, por práticas aparentemente desconectas com este problema, mas que no fundo são essenciais para definir o tipo de pessoa que seremos quando grandes.

Não perca a oportunidade de ensinar estas coisas simples, mas de extrema importância, para seus filhos. Este será, certamente, um tempo bem gasto e uma importante lição que eles carregarão no resto de suas vidas.



5 itens importantes para sua família não entrar nas drogas:

- Espiritualidade
- Família unida e com limites
- Atividades culturais
- Atividades sociais
- Bons amigos

Problemas com: Álcool, Tabaco e Maconha?

Ligue Dr Bartô: (11) 3024-7490

www.drbarato.com.br

